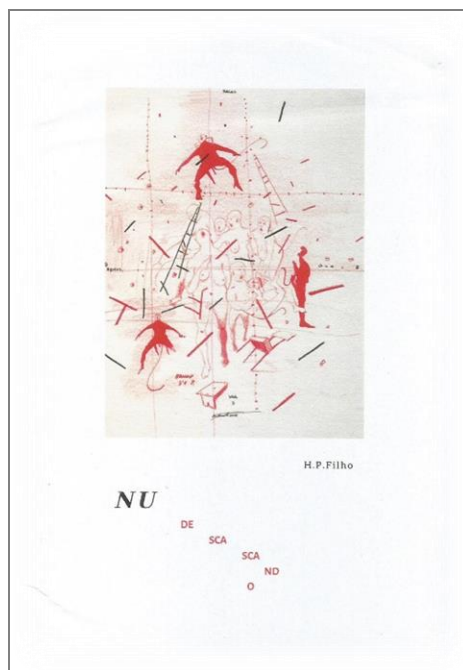


PARIZ FILHO, Henrique. *NU descascando*.  
Vila Velha: Ed. do Autor, 2019.

---

Henrique Albuquerque Firme\*



**D**esde o primeiro momento, *NU descascando* já se demonstra uma obra singular. Habitado em um lugar único, formado pela relação simbiótica entre a vida do poeta e o seu eu lírico, a obra traz em sua totalidade 22 poemas, dispersados por 24 páginas, que carregam em si uma sensualidade e

---

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

um desejo que mesclam com a vivência de um cenário capixaba, aplicados a vozes ressoantes de uma resistência simbólica.

Nascido em Linhares, em 1991, Henrique Pariz Filho é, obviamente além de poeta, criador de um projeto virtual em rede social de divulgação literária. O seu perfil, que conta com mais de mil seguidores na plataforma *Instagram*, sugere algumas dicas e divulga resenhas sobre obras da literatura brasileira. Agitador (e criador) cultural, Henrique vive cercado pelas palavras, como ele mesmo se define em “sobre o autor”, no início de *NU descascando*. Também é fundador e coeditor do Moqueca Editorial, uma editora independente, especializada na publicação de zines, gênero escolhido pelo autor para a realização de *NU descascando*. Por caminhar contra o fluxo que seguem alguns escritores da nossa literatura, Henrique disponibiliza todos os seus livros de forma digital gratuitamente. Além disso, também trabalha com oficinas de produção de conteúdo literário na internet, disseminando a prática através do ambiente virtual.

O zine (ou a zine) são revistas totalmente independentes, ou seja, que conseguem ser publicadas sem a pressão e a regulamentação do mercado editorial, através de jogos autônomos de interesse particular dos autores. Logo, mais livres – em termos tanto de conteúdo, quanto de formas e tamanhos –, os/as zines nascem e se reproduzem como uma forma de resistência às editoras. A sua popularização, a propósito, ocorre em plena Ditadura Militar, período marcado pela truculência e censura do sistema, quando os poetas considerados marginais, como Paulo Leminski, por exemplo, utilizado como epígrafe em *NU descascando*, publicam suas obras a partir da técnica do mimeógrafo, produzindo uma literatura muito mais autônoma e subjetiva. Ao passo que a divulgação de obras consideradas subversivas afrontava a cultura conservadora da época, na mesma medida em que Henrique Pariz Filho confronta os modelos tradicionais de se produzir e de se consumir literatura.

Marginalidade significa estar fora do meio, no ambiente periférico. O livro de Henrique Pariz Filho traduz a falta de se localizar no epicentro desde sua carta-

introdução – anexo ao/à zine, o poeta franqueia uma folha avulsa em que expõe seu projeto –, que é representada por uma reprodução livre da escrita, por meio, aparentemente, do uso da máquina de escrever. O autor atenua o sentido de ser marginal, utilizando deliberadamente recursos estilísticos provenientes de uma literatura contemporânea, especificamente, da geração mimeógrafo. A carta-introdução, datada de 2019, dialoga com o leitor de forma direta, por meio da utilização por parte do escritor da primeira pessoa do singular, gerando uma intimidade, uma aproximação, muitas vezes desconhecida no nosso cenário literário atual. Sobretudo porque a maioria dos livros publicados tradicionalmente convida um outro autor ou crítico literário para anunciar a obra e/ou a literatura do escritor.

Ao longo de seus poemas, o poeta brinca com as linhas dos versos, a estrutura da página, a diagramação, a ausência de regras da gramática tradicional – tanto pela ausência de acentos gráficos em algumas palavras, como a utilização de letras minúsculas no início de alguns versos –, bem como joga com o seu desejo sexual que paira à obra, por meio de uma erotização explícita construída na poesia de *NU descascando*.

Em “Insp-ira-ções”, por exemplo, o autor traz à tona o ápice do ato sexual, a ejaculação, atrelada ao prazer imensurável de se produzir poesia, dialogando com marcações que conferem pausas aos versos, como o uso de pontos no meio da palavra “poemas” e de hifens no título do texto, a denotar os compassos também presentes no ato de gozar.

### **Insp-ira-ções**

Tres ejaculações  
Tres po.e.mas (PARIZ FILHO, 2019, p. 19).

Algo muito pulsante nesta obra é o desejo. Esse, por sua vez, é o local para onde os poemas da obra convergem. De origem latina *desiderare*, essa palavra se tornou um símbolo de resistência – seja contra o Estado/institucional, seja contrário às intenções particulares. O desejo indica movimento, é potência. É

uma relação entre desejar algo e se sentir o objeto de desejo de alguém ou de alguma coisa. Nos versos de *NU descascando*, percebe-se, *a priori*, um desejo carnal, envolvo em práticas sexuais, gozos, atos praticados na cama, como, por exemplo, em “Chuva de madrugada” (p. 16), “69” (p. 20), “Canto de quarto” (p. 5) e “Faminto” (p. 22).

### **Canto de quarto**

Fluidos teus ainda marcam meu colchao  
Aquele cheiro cambaleia pelo quarto  
incenso pelo corpo  
Travesseiro carrega longos fios  
desfiados de sua cabeça  
Nosso sexo nao sai daqui  
Instantes insistem em me escapulir,  
mas tranco-os no fundo dos olhos

No canto do meu quarto nao restam memorias  
assim como neste canto de verso

Nestes lugares e imensa  
a falta de espaço (p. 5).

Contudo, seria imprudente observar a obra apenas através do prisma do desejo carnal. A pluralidade de sentidos que esta palavra pode possuir resulta, também, na vastidão de leituras que podemos fazer dos poemas do livro. O desejo aqui, da mesma forma, aparece em textos que, aparentemente, não abordam temas relacionados às práticas sexuais, como em “Ponto vazio em hora de pico” (p. 2), “Dengo” (p. 22) e “Distopia” (p. 23).

### **Vago com o vazio**

Vago com o vazio  
Sou cavaleiro itinerante  
neste sertao de gigantes  
Onde mora o amor,  
escassez constante (p. 11).

Logo, conforme demonstrado acima, o desejo não está apenas ligado ao prazer sexual. O gozo da obra converge para a libido, bem como para situações cotidianas. Há na obra o desejo deste objeto – o livro – de ser possuído, consumido, lido, desejado pelos leitores. Porém, não apenas um público

selecionado pela crítica literária tradicional. Henrique questiona os padrões dessa produção crítica, envolta em seus clubes e centros acadêmicos que, geralmente, não dialogam com ambientes fora dos muros das universidades. Portanto, o desejo aqui pertencente aos poemas e ao texto introdutório de Henrique, bem como a escolha de ter publicado sua obra no formato de um/uma zine, demonstra um desejo latente, uma afronta à academia, às editoras, à estrutura social.

E, claro, vale ressaltar a importância que uma obra como *NU descascando*, de 2019, tem para o cenário literário não apenas capixaba, mas sim nacional. Especialmente no Brasil atual, onde nossas liberdades vêm sendo censuradas, onde há uma pressão de um reacionarismo crescente no país contrário à diversidade, um negacionismo pulsante cada vez mais preocupante, e um governo que atinge, dentre muitos outros aspectos, a ciência e a educação, obras como a de Henrique Filho, que celebram as relações sexuais entre dois homens, o gozo – literário e sexual –, o *ménage*, as vivências fora do tradicional, manifestam a importância de uma literatura necessária para enfrentar tempos tão conturbados.

A literatura de resistência que, felizmente, não é uma novidade no Brasil, surge em momentos nos quais há uma pressão para silenciar vozes. Abordar abertamente em seus versos o “buzao”, a ejaculação, o dengo, o prazer, é, evidentemente, uma forma de afrontar a tradição – seja ela academicista, seja ela política e social – e celebrar as vozes subalternizadas e silenciadas de nossa sociedade.

Assim, para ilustrar um pouco mais o tom desejoso e de potência que tem essa produção de Henrique Filho (afinal, aqui desejo e resistência se aproximam), seleciono um trecho do já mencionado poema “69”.

[...]  
D olho  
retinas retilineas  
manifestam o desejo

Ele quica  
Senta  
Planta bananeira  
Transa  
Trepá  
Faz amor  
Chupa  
Lambe  
Engole  
Saliva  
Chora

Levantamos o colchao (p. 20).

Por fim, a literatura de Henrique Filho segue na esteira de tantas outras vozes que já se levantaram, de formas autônomas e independentes ou não, por meio da literatura. Autores e autoras, conhecidos/as e desconhecidos/as pelo grande público e crítica, que enfrentaram a censura, a truculência física e psicológica praticada pelo Estado nos tempos da ditadura ou até mesmo a violência diária vivenciada em nosso país, especialmente por pessoas que não se encaixam no modelo padronizado, no conservadorismo e no tradicionalismo imbuídos de valores arcaicos presentes em nossas vivências cotidianas.

É cada vez mais urgente que obras como *NU descascando* apareçam em nossas leituras para nos lembrar sempre o papel fundamental que exerce a literatura em nossas vidas.

Recebida em: 15 de junho de 2021.  
Aprovada em: 22 de junho de 2021.